



ID: 38508490

12-11-2011

gi
grande
investigação
DN

AS RAÍZES DA MAÇONARIA EM PORTUGAL

A maçonaria e as suspeitas



JOÃO
MARCELINO
Director

Serão cerca de quatro mil os maçons portugueses, divididos entre as duas principais obediências nacionais, GOL e GLLP. Estão em Portugal há mais de 200 anos e defendem valores maçónicos nobres: igualdade, liberdade, fraternidade e tolerância. Mas têm também a obrigação de ajudar os 'irmãos'. E é esta espécie de nepotismo que lhes vale as maiores críticas: entraram para os sectores mais importantes do País (política, economia, justiça), no qual, além do poder, moverão influências e protecções. O secretismo em que insistem reforça o seu lado mais oculto. Fomos saber quem são, o que fazem e que poder têm

Falar em maçonaria é convocar a polémica, suscitar a discussão acerca das motivações de uma organização semi-secreta na sociedade livre e democrática em que hoje vivemos e que este movimento, aliás, sempre teve como objectivo teórico ajudar a criar – o que historicamente se comprova com a liderança das revoluções francesa e norte-americana.

A maçonaria pretende assumir-se como um espaço de permanente requalificação do indivíduo, de desenvolvimento espiritual do homem, em prol de uma sociedade tolerante, universalmente fraterna.

E, no entanto, vista de fora, cresce a suspeita.

Há quem defenda que uma importante parte da maçonaria terá traído os seus ideais, os princípios e os valores da fundação e que comportará hoje muita gente, mais jovem, sobretudo interessada na promoção de lógicas de poder pessoal.

Ao homem justo, crente em Deus e nos valores da família, livre pensador, indivíduo de estatura moral elevada e motor de uma sociedade nova poderá estar a suceder o homem que quer subir na vida mais depressa e sem problemas independentemente dos seus méritos.

Na visão mais conspirativa, as "lojas" ter-se-iam, assim, transformado em centrais de tráfico de influências, e os "irmãos" seriam agora sobretudo cúmplices capazes de subverterem os mais elementares princípios de justiça – e de utilizarem a régua, o compasso e o esquadro originais dos pedreiros para construírem uma moderna vida de bem-estar e exercerem um geométrico poder em benefício próprio numa teia de interesses transversal a quase todos os partidos políticos.

Este é o pano de fundo para esta viagem que o *Diário de Notícias* decidiu promover ao interior da maçonaria portuguesa, dividida nos seus braços "regular" e "irregular". Procurámos, como nos trabalhos anteriores, ser substantivos e factuais. Na dúvida, eliminámos referências. No final, ficámos com a certeza de que há ainda muita gente que foge do estatuto de maçom que efectivamente é o seu. A organização mantém um carácter semi-secreto catalisador da suspeita externa, porque, como no passado, continua a ligar pessoas de partidos e credos diferentes tanto quanto de empresas comuns.

Não temos uma tese para assumir; temos informação para publicar e alguns pontos de reflexão para deixar à consideração dos leitores.



WILDER OLIVEIRA



Maçonaria ganha força no Parlamento, Governo e oposição



Poder. 50 'irmãos' estão em importantes cargos políticos, 30 em posições de relevo na economia e sociedade. Muitos falam na sua influência: o último foi Alberto João Jardim, que alertou para o poder das sociedades secretas. Apesar do fracasso da não eleição do maçom Fernando Nobre para a presidência da AR, o líder da bancada do PS e o estratega do Governo, Miguel Relvas, são maçons. Uma irmandade só de valores?

RUI PEDRO ANTUNES

Com os aventais dentro das pastas ou de simples sacos de papel, dezenas de maçons tomaram os paralelos das ruas do lisboeta Bairro Alto até atingirem o seu destino: o número 25 da Rua do Grémio Lusitano. O sábado, 24 de Setembro, que se seguiu ao equinócio de Outono foi a data escolhida pela Grande Dieta – o Parlamento do Grande Oriente Lusitano (GOL) – para dar posse ao seu novo grão-mestre, Fernando Lima, administrador da Galilei, antiga SLN. Pela primeira vez em dez anos, o representante de todas as lojas maçónicas do GOL não é uma figura política, pertence ao mundo empresarial. Isso não significa, porém, que a maçonaria se esteja a desinteressar de uma área tão influente como o é a da política. Muito pelo contrário.

A recente eleição do socialista Carlos Zorrinho para líder parlamentar da maior bancada da oposição e a importância de Miguel Relvas no Governo de coligação PSD/CDS – em que assume o papel de ministro dos Assuntos Parlamentares e braço-direito do primeiro-ministro – mostram o peso dos maçons na política. Mas há mais. Só em 2011 (com dois Governos) já se sentaram na As-

sembleia pelo menos dez deputados maçons.

Na nova composição parlamentar – eleita há pouco mais de cinco meses –, a "bancada" da maçonaria continua bem composta, com, pelo menos, oito elementos – o mesmo número de deputados do Bloco de Esquerda. E é ultrapassada se a conta for feita aos maçons que passaram por São Bento só este ano. Isto porque José Magalhães (PS) teve assento na AR até 19 de Junho e Fernando Nobre (cabeça de lista em Lisboa pelo PSD) fez igualmente uma curta incursão no hemiciclo no início da legislatura. Apesar do esforço dos grãos-mestres para abrir a maçonaria à sociedade, ainda há muita relutância entre os seus membros em assumir publicamente que são maçons. Por isso, são os próprios a dizer que o número de "irmãos" é muito superior aos aqui mencionados. Na política, na economia, nas autarquias, nas áreas sociais, jornalismo incluído... O DN contabilizou mais de meia centena de figuras políticas influentes com ligações à maçonaria, que incluem membros do Governo e autarcas em exercício (págs. 6 e 7) e mais três dezenas noutras áreas fundamentais (justiça, saúde, economia) (págs. 15 a 17). Ou seja, mais de 80 em cargos influentes, ou com poder de influenciar.



AS RAÍZES DA MAÇONARIA



OS 'IRMÃOS' AUTARCAS

Os maçons estão igualmente bem representados no poder local. A Câmara de Santarém é dirigida pelo maçom do GOL Francisco Moita Flores, que garantiu ao DN não existir nenhum grupo de autarcas maçons.

"Falo tanto com os que são como com os que não são." Há 30 anos na maçonaria, Moita Flores já chegou a sair para a GLLP, mas regressou ao GOL e defende que a organização "deve ter uma intervenção pública maior".

Mas o número peca claramente por defeito: os nomes que aqui surgem foram triplamente confirmados por fontes, mesmo quando contactados não respondam, ou nem sequer atendam. Alguns (poucos) assumem eles próprios a sua condição. Muitos limitam-se a dizer o tradicional "não comento" ou "não falo de assuntos privados". E a grande, grande maioria dos nomes são apenas sussurrados e impossíveis de divulgar por falta de confirmação.

Começamos pelo Parlamento. Um dos deputados estreantes do PS, Rui Paulo Figueiredo, pertence à Loja Mercúrio — uma das mais influentes da Grande Loja Regular Legal de Portugal/GLLP (GLLP) — que é uma das duas maiores obediências maçónicas do País (a outra é o GOL). Este ex-assessor de José Sócrates é actualmente vice-grão-mestre da GLLP, obediência liderada por José Moreno, que, por sua vez, já foi assessor de Manuela Ferreira Leite, ex-presidente do PSD. As ligações parecem confusas, mas são mesmo assim: uma teia intrincada, maçónica. É que a loja de Rui Paulo Figueiredo — também presidente do Conselho Fiscal da bancada socialista — é a mesma de Isaltino Morais, o autarca afastado do PSD devido aos processos judiciais. Figura mediática, o autarca de Oeiras não passa despercebido aos comerciantes das redondezas da Rua João Saraiva, em Alvalade, que várias vezes o viram entrar para o n.º 34, sede da obediência.

São estas ligações que levam os "profanos" (não maçons) a olhar para a maçonaria como uma sociedade secreta, que mexe os cordelinhos pelos seus. Ideia que um alto dirigente do Grande Oriente Lusitano (membro da Grande Dieta, o Parlamento maçónico) recusa. Embora assuma que "existem conspirações" no seio das lojas, "tal como existem em diversas áreas da sociedade". Depois, há casos que parecem fugir à lógica partidária: o socialista Rui Paulo Figueiredo é vice-grão-mestre da GLLP, embora o PS esteja conotado com a outra grande obediência, o GOL.

São, aliás, vários os deputados socialistas que pertencem (ou pertenceram) à obediência que tem sede no Bairro Alto. Desde logo João Soares, que, ao contrário do pai (Mário Soares chegou a ser iniciado numa loja francesa durante o asilo em terras gaulesas, mas nunca pertenceu à obediência portuguesa), aderiu ao GOL em 1974.

João Soares pertence à Loja Simpatia e União — onde tem o nome simbólico do humanista Thomas More — e explicou ao DN que é maçom "mais pelos valores". Pela utopia. "Nunca tive especial atracção pelos aventalinhos", confessa o socialista, que considera que "a maçonaria não tem poder no Parlamento". Mas, por outro lado, admite que por vezes é abordado pelos seus pares. "Já vieram dois ou três maçons do PSD ter comigo e dizer: 'Olhe, também sou do GOL'", conta, lamentando não poder participar tanto nas actividades da sua loja como desejaria.

Foi também do GOL que o deputado do PS Vitalino Canas foi expulso, segundo explicou um membro da Dieta ao DN, "por não pagar as quotas". O antigo porta-voz socialista pertencia à poderosa Loja Convergência, que contou com outras figuras do PS, como o agora "maçom adormecido" António Vitorino



Símbolos e ritual da franco-maçonaria (GOL): os famosos aventais, as colunas e o piso axadrezado, todos eles símbolos maçónicos que representam os diversos valores da maçonaria



— expulso no mesmo processo que Vitalino — e o ex-ministro da Administração Interna de José Sócrates, Rui Pereira, que entretanto criou a Loja Nunes de Almeida.

Durante o gutierrezismo, a Convergência chegou a ser chamada de "o Gabinete", pela alegada influência que tinha no Governo PS. "Havia a ideia de que tinha de haver uma teoria da compensação por Gutierrez ser católico, mas isso é falso", explica um membro do GOL ao DN. Curioso é que foi um maçom — que mais tarde seria grão-mestre do GOL — que filiou António Guterres no PS: António Reis, também ele ex-deputado.

Na actual bancada socialista são igualmente maçons o ex-ministro dos Assuntos Parlamentares de José Sócrates, Jorge Lação, o dirigente da área de Lisboa Miguel Coelho, e o deputado João Portugal, que — ao contrário da maioria dos maçons socialistas — pertence à GLLP. Com a liderança de António José Seguro — que garantiu ao DN não ser maçom — houve até um "irmão" que subiu na hierarquia parlamentar. O ex-secretário de Estado Carlos Zorrinho, eleito líder da bancada do PS há um mês, foi iniciado no GOL há quatro anos. Mas "a influência do GOL no

Parlamento é muito maior do que o número de elementos que temos", admite um "irmão" do GOL.

A maçonaria é na sua génese suprapartidária, não escolhe esquerda ou direita. Os grão-mestres das duas maiores organizações maçónicas do País, Fernando Lima (GOL) e José Moreno (GLLP), partilham a ideia de que os maçons "não se devem envolver em guerrilhas partidárias" e recordam que existem nas suas obediências "dirigentes de quase todos os partidos".

Na poderosa Loja Universalis — que pertence ao GOL — também é possível encontrar "misturas" partidárias. Por exemplo, José de Almeida Ribeiro, um dos braços-direitos de José Sócrates e membro do seu gabinete durante os dois mandatos, pertence à mesma loja que o grande estratega e ministro de Pedro Passos Coelho, Miguel Relvas. Tal como o ex-ministro do PSD (do núcleo de Santana Lopes) e dirigente benfiquista Rui Gomes da Silva.

Na maioria e no Governo

E se a bancada parlamentar do PS é liderada por um maçom, na do PSD sentam-se igualmente alguns "irmãos", como o deputado

Emídio Guerreiro, cujo tio-avô — fundador do PSD — foi um dos mais distintos maçons portugueses. Emídio Guerreiro mostrou-se zangado por o seu nome ser indicado, disparando "não confirmo, nem desminto".

Já o vice-presidente da bancada laranja, Carlos Abreu Amorim, apontado diversas vezes como maçom, afirma que tal é "calunioso". Garante até que "gostava que fosse aprovada uma lei em que quem está num cargo público de decisão, seja juiz ou político, fosse obrigado a declarar no registo de interesses se pertence à maçonaria ou ao Opus Dei." E acrescenta: "O secretismo destas organizações tem algo de nocivo".

No Governo, Miguel Relvas é o mais mediático maçom. O gabinete do ministro dos Assuntos Parlamentares diz que Relvas não fala sobre este assunto e remete para anteriores declarações suas em que disse apenas: "A maçonaria não manda no Governo." O ministro, nascido em Tomar, Cidade dos Templários, que terá favorecido a sua iniciação maçónica, disse ainda, num trabalho da revista *NS* de 30 de Abril (publicada na altura com o DN e o JN): "Os valores com os quais nos identificamos na vida apenas são perceptíveis pelos nossos comportamentos. Sejam os valores do Opus Dei, da maçonaria ou de uma confissão religiosa."

O secretário de Estado da Segurança So-



ID: 38508490

12-11-2011

OEIRAS COM ISALTINO

Isaltino Moraes é um conhecido membro da Loja Mercúrio, além de ser presidente da Câmara de Oeiras. A oposição na cidade chegou a ser feita por um "irmão" da GLLP, Emanuel Martins, ex-líder do PS local que – segundo chegou a noticiar a revista *Sábado* – fazia uma oposição virtual a Isaltino.

PRESEÇA NAS FREGUESIAS

A nível das freguesias existem igualmente diversos maçons. Desde logo, o presidente da maior freguesia de Lisboa. O maçom José Manuel Rosa do Egípto lidera Santa Maria dos Olivais, sendo igualmente membro da Mesa do Conselho Geral da Associação Nacional de Freguesias.

Há até presidentes de junta que lideram organizações com ligações à maçonaria. Fernando Góis Moço acumula o cargo de presidente da Junta de Freguesia de São Julião, na Figueira da Foz, com a presidência da Associação 24 de Agosto, data da Revolução Liberal do Porto, que contou com o maçom Manuel Fernandes Tomaz.



REUTERS

cial, Marco António Costa, figura influente do Porto, é outro dos governantes apontados como maçons. Confrontado pelo DN, preferiu não comentar o assunto.

A influência dos maçons faz-se sentir ainda nas estruturas partidárias. Até há dois meses, o PS era presidido por António Almeida Santos – um dos 20 maçons do GOL com o 33.º grau, o mais elevado na hierarquia maçónica. O CDS também já teve maçons na direcção do partido: Paulo Miranda, na GLLP, e Abel Pinheiro, ex-homem-forte das finanças dos democratas-cristãos.

Os vários representantes de instituições maçónicas com quem o DN falou recusam a ideia de influenciar as decisões políticas. Em *on* são poucos os que dão a cara, embora pelas paredes do Parlamento haja sempre diversas teses sobre o poder dos "irmãos". As escutas do processo Portucalense ajudam à teoria da conspiração – manobras políticas são reveladas pela voz dos próprios.

As entreajudas entre maçons no hemiciclo são também denunciadas por quem passou pelas bancadas parlamentares. Um dos ex-deputados que não se coíbe de falar da maçonaria é Henrique Neto: "Quando estava no Parlamento, verificava que existiam diversas solidariedades entre deputados do PS, PSD e CDS, que tinham diferentes origens e uma delas era a maçonaria." As alianças maçóni-

cas eram, segundo garante Henrique Neto, "mais evidentes nas comissões de inquérito. Um exemplo claro foi o caso Totta/Champalimaud, em que vi colegas de bancada a alterarem as suas posições, de forma a que PS e PSD fizessem um frete ao Champalimaud".

Sem poupar críticas àquilo que chama de "sociedade secreta", Henrique Neto afiança que "quando se trata de escolher deputados, governos e empresas públicas, há uma percentagem dirigida às pessoas que são da maçonaria". Sem avançar nomes, o ex-deputado do PS considera que este é um "terreno minado e lamacento", ao mesmo tempo que garante: "Algumas das pessoas que andavam metidas nessas 'solidariedades' ainda hoje estão no Parlamento."

Também a ex-dirigente socialista Ana Benavente denuncia os lóbis que existem na Assembleia da República. "Quando se faz parte da AR, além da competência, há outros elementos que contam para se ser escolhido para determinados cargos, como a pertença a lóbis, como o Opus Dei ou a maçonaria." Afastada da política, Ana Benavente explica que "há deputados que se mantêm muito mais tempo no Parlamento do que outros mais competentes porque pertencem a essas organizações. É por isso que considero que lóbis como a maçonaria ferem a democracia". E acrescenta: "É difícil ficar na AR pela compe-

tência, pelas convicções e pelo trabalho bem feito, tudo isto conta menos do que pertencer a esses grupos."

Uma derrota da maçonaria

Um dos últimos casos em que se falou da maçonaria no Parlamento aconteceu há cerca de cinco meses, no início da legislatura, quando Fernando Nobre falhou a corrida à Presidência da Assembleia da República. Ao que o DN apurou, terá havido pressões nalgumas lojas para que os deputados socialistas do GOL votassem no "irmão" Nobre, proposto pelo PSD. Como o voto era secreto, a solidariedade maçónica podia impor-se à disciplina de voto partidária.

O que é certo é que os resultados ditaram o contrário: venceu a política e não a aliança maçónica. António Reis, grão-mestre do GOL nessa altura, garante ao DN que "não houve pressão nenhuma da maçonaria nesse sentido. Isso são decisões que ficam à consciência de cada um. A obediência não dá indicações de voto nem faz campanha pelos candidatos". Com Fernando Nobre derrotado, foi eleita para segunda figura da Nação Assunção Esteves, ex-mulher de um conhecido maçom do GOL, o socialista José Lamago. Não faltaram, portanto, mais teorias da conspiração. "A maçonaria está em todo o lado", dizem os críticos. Já os maçons contrapõem: "Não funciona como nenhuma máfia ou polvo."

António Reis conta que quando foi deputado votou "várias vezes em sentido contrário ao de irmãos de outras bancadas". Porém, admite que "os valores da maçonaria se sobrepõem a valores meramente partidários". Daí que, enquanto membro da AR, tenha tido sempre a certeza de que, "se estivessem em jogo questões essenciais [para a defesa dos valores maçónicos]", os "irmãos" "votariam da mesma maneira". Admitindo que há maçons que são "favorecidos" por serem "irmãos", António Reis lembra que na mesma medida existem "irmãos prejudicados" por pertencerem à organização. "Existem naturalmente as duas situações." Sobre a influência da maçonaria nos governos – e comentando os mandatos do católico António Guterres –, o grão-mestre diz que nesse tempo "até acontecia o contrário: havia críticas de maçons pelo facto de haver poucos irmãos no Governo".

Nas eleições presidenciais de Janeiro, Fernando Nobre já tinha protagonizado um episódio de solidariedade maçónica. Os "irmãos" do GOL fizeram um pacto de não agressão à candidatura do presidente da AMI à Presidência da República. Ou seja, "mesmo que não o apoiassem, não o hostilizavam publicamente", revelam ao DN. O mesmo já teria acontecido na candidatura de Mário Soares a Belém em 2006.

Nos partidos com representação parlamentar, apenas um foge à regra. "O PCP continua a resistir", brinca um membro da Grande Dieta. Justificação? "Os ideais defendidos pelo partido e o Comité Central, que sempre desconfiou da maçonaria."

Mas não precisam de ser maioritários para exercerem a sua influência. É factual que ocupam cargos de destaque na sociedade. António Arnaut, ex-grão-mestre do GOL, escreveu um dia: "Onde está um maçom, está a maçonaria."

“Brasileira?! Não, tem muita gente!”

Era pela Baixa de Lisboa, a poucas centenas de metros do Palácio Maçónico, que passeava um dirigente do GOL quando foi surpreendido pelo telefonema do DN. "Quer falar comigo sobre a maçonaria? Com todo o gosto. Venha ter comigo." O primeiro local proposto para o encontro foi A Brasileira, onde está sempre um maçom sentado (Fernando Pessoa). O local não agradou, porém, ao maçom: "A Brasileira? Não. Tem muita gente. É melhor irmos para um sítio mais calmo." Este episódio passou-se com o primeiro maçom contactado pelo DN e mostra como os "irmãos" primam pela discrição. Muitos aceitaram falar para o trabalho, mas sem dar a cara e quase sempre em lugares pouco movimentados.

Foram também contactados "inimigos" da maçonaria (em *off* são muitos mais do que aqueles que dão a cara), o que fez com que chovessem nomes de "irmãos", teorias conspirativas e manobras ocultas. Houve aspectos que se confirmaram, outros nem por isso.

Ao longo destes dois meses, quando confrontados sobre a pertença à maçonaria, a grande maioria dos mais de 200 "irmãos" contactados reagiu dizendo "sou maçom, mas não quero falar sobre isso e não falo em *on*". Houve quem se indignasse, mas não quisesse desmentir a condição de maçom. E houve ainda quem alegremente tenha dito: "Não lhe digo se sou maçom, mas esteja descansado que eu não o vou desmentir..."

Como mandam as boas práticas jornalísticas, houve tentativa de contactar todos os nomes referidos nestas páginas. Só uma minoria não atendeu o telefone ou foi procrastinando até não responder em tempo útil. Quando falhavam contactos telefónicos e presenciais, os maçons foram contactados para números das suas residências, por sms, para os *e-mails* de empresas e até em mensagens nas redes sociais. Infelizmente, houve pessoas que se mantiveram incontactáveis durante todo o período do trabalho.

A credibilidade das fontes e de alguns documentos fizeram com que se optasse por manter nomes de pessoas com quem o DN não conseguiu chegar à fala. Tudo o que era duvidoso não foi incluído no trabalho.

ID: 38508490

12-11-2011

FOMOS MEDIR A INFLUÊNCIA
E O PODER DA MAÇONARIA

Mais de 80 maçons em cargos influentes na política e economia

Poder. Miguel Relvas, um dos ministros mais influentes, Carlos Zorrinho, líder da bancada do PS, autarcas como Moita Flores ou Isaltino Morais, ex-ministros como Rui Pereira, ex-presidentes da AR como Almeida Santos, empresários como Jorge Coelho, deputados e muitas personalidades da sociedade fazem parte desta organização semi-secreta. As figuras, a história, os valores, as cerimónias e as polémicas

